

Como já mencionamos, esse é um texto extraído de um livro de leitura destinado a alunos de 2ª série que se encontram, entre sete e nove anos.

De acordo com Piaget, nesta idade, inicia-se a fase do pensamento operatório concreto. Como o próprio nome evidencia, nessa fase a criança se encontra muito presa ao concreto, ao palpável, às coisas reais, lógicas. No que diz respeito à linguagem, ela manifesta dificuldade natural para a linguagem simbólica ou conotativa.

Conforme se pode constatar, as informações básicas do referido texto são veiculadas através da linguagem simbólica, conotativa. Observa-se, também, nesse texto, o emprego da palavras e expressões estranhas ao vocabulário infantil, como colosso, farejar, mal avista, entre outras. O texto, como um todo, é de difícil compreensão para a faixa etária a que se destina, o que vem confirmar nossa tese de que os alunos que são expostos a textos semelhantes a esse exercitam, em sua aprendizagem, apenas a prática da leitura mecânica.

Para concluir, gostaria de dizer que, no meu entendimento, é aqui que começa a causa de entregarmos tantos alunos ao vestibular, após 11 anos de escolaridade, sem que saibam usar sua própria língua, para produzirem um texto com coesão e coerência:

- modelos de textos a que as crianças são expostas desde a primeira série;
- preocupação excessiva dos professores alfabetizadores com a escrita ortográfica, queimando as etapas das hipóteses que a criança faz na sua escrita alfabética.

As crianças fazem hipóteses a respeito de suas escritas e são capazes, pela competência lingüística, de elaborar frases estruturalmente corretas. Isso vem comprovar que de língua as crianças entendem. O que se precisa desenvolver e estimular nelas é o pensamento sobre o que vão construir com sua linguagem, fazendo-a sujeito pensante de sua própria aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAGGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1989.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- GERRALDI, João Wanderlei. *Escrita, uso da escrita e avaliação*. In: *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel, ASSOESTE, 1985. p.121-124.
- KOCH, Ingedore V. & TRAVAGLIA, L.C. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MORAES, Euzi Rodrigues. *Leitura e Educação*. In: *Suportes Lingüísticos para a Alfabetização*. Porto Alegre: Sagra, 1987. p.109-117.
- ORLANDI, Eni L. P. *Significação, Leitura e Redação*.

In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas: UNICAMP/FUNCAMP, n.3, p.37-44, 1984.

TASCA, Maria. *A Linguagem dos Materiais de Alfabetização*. In: *Suportes Lingüísticos para a Alfabetização*. Porto Alegre: Sagra, 1986. p.119-133.

VOTRE, Sebastião Josué. *Discurso e Sintaxe nos Textos de Iniciação à Leitura*. In: *Lingüística Aplicada ao Ensino de Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.111-125.

MANUAIS CITADOS:

1. Aprender é Viver (cartilha)
2. Caminho Suave (cartilha)
3. Davi, meu Amiguinho (cartilha)
4. Linguagem Vivenciada (livro de leitura-2ª série)
5. Mundo Mágico (cartilha)
6. No Reino da Alegria (cartilha)
7. Português Dinâmico (cartilha)
8. Sodré (cartilha)

UNITERMOS: Alfabetização; lingüística textual; texto; linguagem oral; linguagem escrita.

A PSICOGÊNESE DA ALFABETIZAÇÃO

MARIA MANUELA ALVES GARCIA
Professora do Departamento de Ensino
Faculdade de Educação/UFPEL

INTRODUÇÃO

Dando seqüência à temática "Alfabetização" escolhida para ser abordada no Ciclo de Debates, deste mês, a fala que vou desenvolver tem como objetivos apresentar uma visão geral acerca da Psicogênese da Alfabetização, das formas e das circunstâncias em que foi produzido esse conhecimento, do seu referencial teórico, e, por último, discutir a sua contribuição para a compreensão da problemática do analfabetismo, especialmente a da sua produção no interior da escola pública.

Cabe destacar, ainda, que muitas idéias aqui desenvolvidas não são nada originais ou mesmo desconhecidas, mas têm sido por nós repensadas ou redescobertas ao longo da experiência que vimos tendo na formação e no acompanhamento do trabalho de professores alfabetizadores das escolas oficiais de 1º grau de Pelotas.

1. TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO DA PSICOGÊNESE DA ALFABETIZAÇÃO

Vou iniciar, então, tentando caracterizar, conceituar, definir o que é Psicogênese da Alfabetização.

Poderia dizer que a Psicogênese da Alfabetização é a pré-história da leitura e da escrita nas crianças.

As crianças, até chegarem à compreensão do princípio alfabético que organiza a escrita de nossa língua - a cada som da fala corresponde um caractere gráfico, uma letra - passam por um longo processo.

A Psicogênese da Alfabetização é exatamente o processo de aquisição da linguagem escrita pelas crianças. Poderíamos dizer ainda, que é uma nova forma de abordar ou enfocar o problema da alfabetização.

Por que é uma nova forma de abordar a alfabetização?

Porque parte do ponto de vista da lógica de quem aprende esse conhecimento ou os diferentes conhecimentos que aí estão!

As crianças, quando aprendem a ler e escrever, pensam sobre a linguagem escrita e desenvolvem processos cognitivos em relação a esse objeto de conhecimento.

Isso é a Psicogênese da Alfabetização.

2. CONTEXTUALIZANDO A PRODUÇÃO DESSE CONHECIMENTO

Esse conhecimento, ou as pesquisas que o originaram remontam à década de 70, entre 74 e 76, quando um grupo de pesquisadores, entre eles, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, psicólogas, fazem um trabalho experimental, com crianças em idade pré-escolar e crianças que estavam submetidas ao ensino formal da leitura e escrita.

O objetivo dessas pesquisas, as preocupações de FERREIRO & TEBEROSKY, motivadas pelo imenso fracasso escolar, pelos índices de repetência na 1ª série, é a tentativa de descrever os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem desse conhecimento que é a língua escrita.

Como se dão essas pesquisas?

Elas se dão por meio de entrevistas onde as crianças são colocadas diante de diferentes situações de leitura e escrita, sendo interrogadas por um entrevistador que tenta descobrir quais as concepções que elas têm acerca dos atos de leitura e escrita nos quais são solicitadas.

Não foi por casualidade, continuando este momento de contextualização, que esses pesquisadores e outros depois deles, conseguiram ver as concepções que as crianças têm acerca da linguagem escrita.

Esse fato só foi possível com a ajuda de um determinado referencial teórico, a partir de algumas fontes teóricas.

Quais são elas?

2.1. A Psicolinguística Contemporânea

A Psicolinguística contemporânea, principalmente a partir das contribuições de Noam Chomsky, vem contribuir para a negação das teorias empiristas acerca da linguagem oral.

O quê o empirismo diz a respeito de como a criança aprende a linguagem oral?

Que as crianças adquirem a fala através da imitação da linguagem dos adultos. Nesses atos de imitação, o meio se encarrega de selecionar - pelo reforço - aquelas emissões sonoras que fazem parte de nossa linguagem oral e de negar aquelas emissões que não fazem parte da linguagem humana.

A Psicolinguística contemporânea vem contradizer essa explicação e diz que as crianças aprendem a falar, não de uma forma passiva, por mera imitação da fala dos adultos mas, sim, através de uma construção inteligente na qual elaboram regras e as generalizam no sentido de compreenderem essa linguagem oral.

Emilia FERREIRO e Ana TEBEROSKY, na obra "Psicogênese da Língua Escrita" citam exemplos de como as crianças - quando aprendem a falar - generalizam conjugações de verbos como eu *comi*, eu *fazi*, para tentarem compreender o sistema de organização da fala humana.

Então, estas são algumas idéias fundamentais da Psicolinguística Contemporânea que vão permitir o avanço na compreensão dos processos de aquisição da língua escrita.

2.2. A Psicologia Genética

Outro referencial fundamental é a Psicologia Genética ou o constructo teórico, que inicia em Piaget, em relação a como se dão os processos de conhecimento do ser humano, principalmente, a concepção do fenômeno da aprendizagem humana.

A aprendizagem é entendida como o processo de aquisição de um conhecimento, onde a inteligência é essencialmente ativa e não passiva, como querem fazer crer as teorias empiristas. Segundo estas, o homem recebe o conhecimento de fora e o registra em sua mente, tendo como matriz os sentidos.

Piaget contradiz radicalmente essa concepção de aprendizagem e vai dizer que a mente humana é ativa, ou seja, que o homem, na tentativa de compreender o mundo, de dar soluções aos problemas que a vida lhe coloca, constrói hipóteses que nem sempre dão conta, definitivamente, dos fenômenos que tenta compreender.

O pensamento se organiza por estruturas que vão se tornando mais complexas como resultado da interação com o mundo. Daí se conclui acerca da importância das experiências sócio-culturais para o desenvolvimento dos processos cognitivos no ser humano.

Esse é o referencial que permite enxergar - vamos dizer assim - as teorias das crianças acerca do sistema de escrita, do seu significado e modo de representação.

Ainda, dois conceitos são fundamentais na Psicogênese da Alfabetização: *erro construtivo* e *erro cognitivo*.

O que vem a ser o *erro construtivo*?

Vocês sabem que, numa didática, numa pedagogia mais tradicional, o erro é banido da sala de aula. Nós, professores, temos ojeriza ao erro e ficamos preocupados quando as crianças erram.

Piaget chama determinados erros que as crianças

cometem de *erros construtivos*. Esses erros não são algo que tenha de ser eliminado ou suprimido. Mas são erros necessários na caminhada da construção do conhecimento.

Então, o *erro construtivo* é um erro sistemático, regular, comum a diversas situações e sujeitos. Na verdade, revelam as categorias de pensamento em relação a um determinado conhecimento.

O erro é algo que tem de ser pesquisado porque aí pode estar a evidência de alguma estrutura de pensamento de quem aprende.

Nem todos os erros - é bom deixar claro - são erros construtivos.

O outro conceito importante para compreendermos a Psicogênese da Alfabetização é o conceito de *conflito cognitivo*.

O que é *conflito cognitivo*?

Nós poderíamos caracterizá-lo em situações quando informações providas do meio, de certa forma, põem em questão ou invalidam estruturas de pensamento do sujeito.

Poderíamos dizer assim: o *conflito cognitivo* é a "falta", a descoberta da própria ignorância. É quando me descubro "ignorante" e tenho que sair em busca de um maior equilíbrio na minha forma de pensamento.

São momentos do processo de aprendizagem onde o indivíduo vê contestadas suas hipóteses e tem que buscar novas soluções.

Com esses conceitos, concluo a contextualização desse conhecimento que é a Psicogênese da Alfabetização.

3. OS NÍVEIS DE CONCEITUALIZAÇÃO DA ESCRITA

A seguir, vou tentar, com o auxílio de algumas produções das crianças, mostrar os momentos porque elas passam na construção do conhecimento ler e escrever.

Os exemplos aqui analisados não abarcam a totalidade das condutas das crianças na Psicogênese da Alfabetização. Exemplificam, sim, alguns momentos do processo.

Talvez, em primeiro lugar, seja importante saber em que situações foram produzidas as escritas que analisaremos logo a seguir.

Essas produções foram resultado da aplicação da "Prova das quatro palavras e uma frase" onde as crianças são solicitadas a escreverem as palavras e a frase ditadas - segundo pensam que se escreva - sem se preocuparem com o modelo de escrita formal. O aplicador da prova estimula a criança a escrever e problematiza a sua produção - o que caracteriza o Método Clínico - no sentido de descobrir quais os processos cognitivos envolvidos nesses atos de leitura e

escrita.

Feito isso, podemos passar à análise das produções escritas das crianças.

Descreveremos como um primeiro nível da Psicogênese da Alfabetização, o comumente conhecido por nível pré-silábico, que inclui as condutas que FERREIRO & TEBEROSKY, originalmente, descreveram como características dos níveis que denominaram 1 e 2.

Entre as diferentes condutas das crianças observadas no nível pré-silábico, começaremos por mostrar um exemplo daquela que seria, talvez, a mais primitiva na gênese do conhecimento da leitura e da escrita.

A ilustração nº 1, nos mostra o resultado da "Prova das quatro palavras e uma frase" de Juliano, de 9 anos de idade, aluno da Escolinha da Faculdade de Educação/UFPel.

É evidente que Juliano pensa que desenho e escrita são a mesma coisa.

Emilia Ferreiro mostrou que o desenho e a escrita são duas formas de representação que têm uma origem comum. Nesse momento, as crianças não diferenciam esses dois modos de representação, por uma insuficiente conceitualização das diferenças entre os dois atos.

No nível pré-silábico, as crianças fazem uma série de hipóteses em relação à escrita, mas desconhecem o que para nós, adultos alfabetizados, é óbvio, ou seja, elas desconhecem que a escrita representa a linguagem oral.

Assim, constroem outras idéias acerca da escrita.

Por exemplo: não são necessárias diferenças objetivas no aspecto formal das escritas para representar significados diferentes. Uma mesma palavra tem um significado num momento e, num outro, já pode tê-lo diferente. Para isso, bastam as suas intenções subjetivas. *Ilustração nº 1 pág. 24*

A ilustração nº2 mostra uma conduta ainda pré-silábica, mas qualitativamente diversa do exemplo comentado anteriormente. *Ilustração nº2 pág. 25*

Como podemos observar, a criança se desvincula do desenho e escreve com letras. Já sabe que escrever e desenhar são coisas diferentes, apesar de não saber ainda quais são essas diferenças.

Nesse momento, ao escrever, a criança preocupa-se em criar diferenças objetivas na escrita, ou seja, ela descobre que, para representar coisas diferentes, são necessárias escritas diferentes.

Um outro exemplo: a ilustração nº3 mostra-nos claramente que, para obter diferenças nas escritas, a criança varia tanto a quantidade de letras como a sua variedade nas palavras, podendo, ainda, centrar-se em um dos eixos, o quantitativo ou o qualitativo, como bem exemplifica a escri-

ta produzida por Jackson. *Ilustração nº3 pág. 25*

Uma outra hipótese que regula o número de grafias da escrita de uma palavra é o tamanho do referente. É muito comum que as crianças tenham concepções do tipo de que a escrita da palavra *boi* tem que ter muito mais letras que a escrita da palavra *formiga*, revelando a tentativa de fazer com que a escrita guarde as propriedades do que representa.

Então, o que caracteriza o nível pré-silábico é o fato de que o sujeito não construiu a idéia de que a escrita é a representação da fala.

A seguir, vamos caracterizar um outro momento da psicogênese da escrita, ao qual chamamos de nível silábico ou a vivência da hipótese silábica.

Nas ilustrações nº4 e nº5, temos um exemplo dessas escritas. *Ilustrações nº4 e 5 pág 26*

Qual é o avanço qualitativo em relação ao nível precedente?

Neste momento, as crianças fazem a descoberta de que a escrita é a representação da linguagem oral.

Elas buscam a correspondência entre as partes da linguagem oral e partes do escrito, sem saberem muito bem como fazer essa representação parte a parte ou termo a termo.

Que termos, na verdade, se relacionam?

É respondendo a essa questão que as crianças constroem a hipótese silábica: a cada sílaba oral, um sinal gráfico.

Nas escritas das ilustrações nº4 e nº5, podemos observar que tanto as crianças utilizam as letras convencionais com os seus respectivos valores sonoros como não. Elas podem também se utilizar de sinais gráficos, que não precisavam ser, necessariamente, as letras. Nestes casos, dizemos que elas escrevem pseudoletas.

Ainda, na ilustração nº4, chamamos a atenção para a escrita do monossílabo *pa*.

Ditada essa palavra, Paulo César escreveu, primeiramente, somente a letra A. Mas eu, que o entrevistava, resolvi complicar a sua vida e perguntei-lhe se era possível escrever ou ler algo com uma só letra.

Sabem por que eu fiz essa pergunta?

Porque é uma idéia que as crianças constroem desde muito cedo: a necessidade de uma quantidade mínima de letras para que uma escrita possa ser lida ou interpretada. Essa quantidade mínima anda em torno de 2 ou 3 letras.

Vejam só que curioso, não é?

Se formos pensar que, na escola, um dos momentos

iniciais do processo de alfabetização, geralmente, é o estudo das vogais isoladas, podemos concluir o quanto sem sentido é esta aprendizagem do ponto de vista da lógica das crianças.

Na tentativa de simplificar o processo de aprendizagem da língua escrita, acabamos por complicá-lo. Vocês vejam como o simples depende da lógica de quem vê.

Atentem, ainda, para o fato de que ninguém diz às crianças que os artigos, por exemplo, não se escrevem. Essa não é uma informação que o meio ou os adultos dão às crianças.

É importante salientar, que entre outras, a hipótese da quantidade mínima de letras é, também, uma construção original que as crianças fazem no sentido de compreendem a escrita.

Voltando à escrita do monossílabo *pa* pelo Paulo César, quando eu o interroguei acerca de sua escrita estritamente silábica, ele, mais que depressa, acrescentou a letra P ao A inicial. Vocês vejam como, dessa forma, eu provoquei um momento de *conflito cognitivo*, pois, com minha pergunta, ele se deu conta da contradição entre a sua hipótese silábica e a hipótese da quantidade mínima de letras.

Também, na escrita da palavra *carro*, vejam como, artificialmente, ele coloca uma letra entre o e a, para não deixar somente duas letras. Essa letra funciona como "curinha", capaz de dar conta da hipótese da quantidade mínima de letras.

E, a seguir - ainda na mesma ilustração - uma escrita estritamente silábica com o uso de letras com o valor sonoro convencional (boneca).

As escritas silábicas são também exemplos de erros construtivos. É esse tipo de escrita, com omissão de letras, que muitas vezes, na escola, são indícios - segundo algumas concepções de aprendizagem - de patologias da escrita. Na verdade, esses erros" revelam simplesmente os níveis de conceitualização das crianças em relação a esse objeto de conhecimento.

Ainda na ilustração nº5, um outro exemplo de uma escrita silábica, sem a utilização do valor sonoro convencional das letras.

Na escrita da frase, as crianças ora utilizam uma letra para cada sílaba oral ora uma letra para cada palavra.

Essas categorias lingüísticas - letras, sílabas, palavras, frases - não têm estabilidade, ou seja, as crianças não têm essas categorias suficientemente conceitualizadas.

Logo a seguir à escrita silábica, vem um outro período a que se costuma chamar silábico-alfabético. Como o próprio nome já diz, esse período caracteriza-se pela convivência das duas hipóteses: a silábica e a alfabética.

Por último, um outro momento, onde a criança realmente resolve o problema da escrita porque compreende o modo de representação de nossa linguagem oral. É o chamado nível alfabético.

Os textos das ilustrações nº6 e nº7 exemplificam muito claramente as produções escritas do nível alfabético. *Ilustração nº 6 pág. 27*

Ser alfabético não é ser ortográfico.

Se atentarmos para as escritas de Uilian e de Fernanda, podemos ver que eles resolveram o problema do modo de representação da escrita. Essas crianças agora são capazes de escrever qualquer coisa, independentemente de terem sido ensinadas.

Como podemos ver, nesses exemplo, a criança alfabética faz uma transcrição fonética da linguagem oral que elas acabam errando por excesso de zelo.

O texto produzido por Fernanda, na ilustração nº7, é curioso para ser analisado. *Ilustração nº 7 pág. 28*

Vejam vocês o significado e a riqueza de conteúdo desse texto.

Mais uma vez, nesse mesmo texto, verificamos como as crianças - na tentativa de compreenderem as regras da linguagem escrita - fazem construções originais.

Reparem nas escritas das palavras *noite, mãe e dentro*. Como Fernanda chegou a escrever essas palavras desse modo?

No decorrer do processo de reflexão acerca da escrita, as crianças percebem que o padrão silábico mais comum da nossa língua é aquele constituído pela consoante e vogal. A partir dessa descoberta, elas utilizam automaticamente essa regra para escreverem diferentes palavras, mesmo aquelas compostas por outros padrões silábicos, como bem atestam as escritas de Fernanda para as palavras anteriormente apontadas.

Nenhum adulto, ou mesmo o meio, diz às crianças que o único padrão silábico de nossa língua é formado por consoante e vogal. Elas chegam a essa conclusão por conta própria.

O nível ortográfico é um momento posterior à hipótese alfabética. Somente quando a criança vivenciou suficientemente a escrita alfabética é que as questões de ortografia são possíveis de serem trabalhadas de forma mais sistemática.

A ortografia é uma questão, vamos dizer assim, convencional. As questões ortográficas não são questões conceituais da língua escrita. Estas, segundo o ponto de vista que defendemos, são as mais importantes.

De forma geral, são esses os momentos fundamentais da Psicogênese da Alfabetização.

Gostaria de destacar, para concluir este item, que o processo aqui descrito não é um processo linear no sentido de que uma aquisição se dá cumulativamente após a outra.

Há momentos onde as crianças realmente regridem,

onde a informação que vem do meio é tão difícil de ser assimilada pelas estruturas cognitivas disponíveis, que elas retrocedem a hipóteses anteriores, já vencidas. São os momentos do *conflito cognitivo*, fundamentais para a intervenção didática.

Então, a Psicogênese da Alfabetização não é um processo linear e muitas das hipóteses que as crianças evidenciam são construções originais. Esse fato nos deixa claro que os aprendizes ou as crianças que se alfabetizam pensam ativamente sobre a língua escrita e não pedem autorização ao professor ou à escola para aprenderem.

CONCLUSÃO

Para concluir, poderia levantar algumas implicações e contribuições da Psicogênese da Alfabetização para a compreensão do fenômeno da aprendizagem e do fenômeno da produção do analfabetismo no interior da escola pública.

Primeiramente, é preciso colocar que as pesquisas de Emília Ferreiro e colaboradores mostraram, em termos quantitativos, que 90% das crianças de classes populares - por suas poucas experiências com materiais escritos - chegam, à escola, em níveis de conceitualização da escrita bastante primitivos.

Por outro lado, as crianças de classe média ou alta - por serem oriundas de ambientes onde o convívio com atos de leitura e escrita é constante - chegam à escola com concepções acerca da escrita mais elaboradas, ou seja, silábicas e silábico-alfabéticas.

E como a escola trabalha esse fato?

Os métodos tradicionais do ensino da leitura e da escrita, seja os que utilizam os processos silábicos ou fonéticos, ou ainda os dois, trabalham a partir dos umbrais do princípio alfabético, desconhecendo as concepções infantis acerca da língua escrita.

Assim, aquelas crianças que estão em níveis de conceitualização da escrita mais elaborados conseguem, sem dificuldades, acompanhar os procedimentos dos métodos tradicionais. Agora, aquelas outras que chegam à escola em níveis mais primitivos, aí ficam ou conseguem avançar muito pouco.

De fato, se formos ver onde se concentram os maiores índices de repetência, é exatamente nas classes populares. Esses índices, tanto de repetência como de evasão, não se distribuem de forma equitativa entre as classes sociais.

A própria escola, na medida em que desconsidera as hipóteses infantis acerca da escrita e que submete todas as crianças a um ensino que privilegia, entre outros aspectos, a lógica dos adultos alfabetizados, está contribuindo para a ampliação dos índices de analfabetismo.

Outra contribuição que devemos à Psicogênese da Alfabetização e, principalmente, ao construtivismo, é a diferenciação entre método de ensino e processos de aprendizagem do sujeito que aprende.

Método de ensino e processos de aprendizagem, do ponto de vista empirista ou condutista, estão identificados.

Do ponto de vista da construção do conhecimento, essas coisas são diferentes.

Quem aprende é o sujeito aprendiz. Um método de ensino pode facilitar ou dificultar os processos cognitivos da criança ou do adulto, mas não pode gerar, por si só, o conhecimento.

Dessa forma, Emília FERREIRO polemiza com o didatismo ou o pedagogismo que coloca o método de ensino no centro das preocupações escolares.

Outro destaque em termos das contribuições da Psicogênese da Alfabetização são os conceitos de *erro construtivo* e *conflito cognitivo* - já antes discutidos - pelos lugares que ocupam no processo de aquisição do conhecimento.

Ainda uma outra contribuição fundamental foi o desvelamento das formas como a escrita vem sendo tratada no contexto escolar.

Na escola, a escrita perde o seu significado social e histórico. De objeto cultural construído historicamente, o uso da escrita, naquele contexto, é restrito às tarefas e conteúdos escolares, ficando reduzida a um objeto de uso exclusivamente escolar.

De forma tradicional, os usos sociais da escrita são ignorados e ela é tratada como um mero código de transcrição fonética da linguagem oral. Assim que, na escola, ler é decifrar e escrever é copiar.

A leitura e a escrita inteligentes são banidas da escola em função do medo do erro.

Penso que aí estão as idéias e conceitos fundamentais que eu queria levantar na abordagem deste tema.

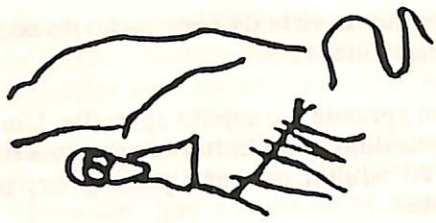
Então, aprender a ler e a escrever, segundo a Psicogênese da Alfabetização ou o Construtivismo é, antes de tudo, incorporar a escrita como objeto sócio-cultural no seu cotidiano e nas suas relações com o mundo e com os outros homens.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

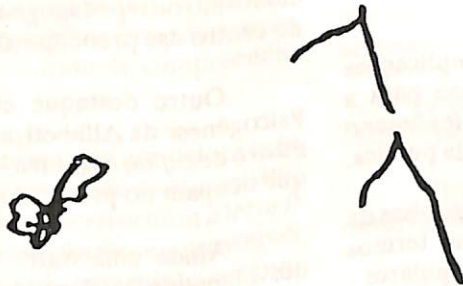
FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

UNITERMOS: UNITERMOS: Alfabetização; linguagem escrita; aprendizagem; ensino de 1º grau; psicolinguística.

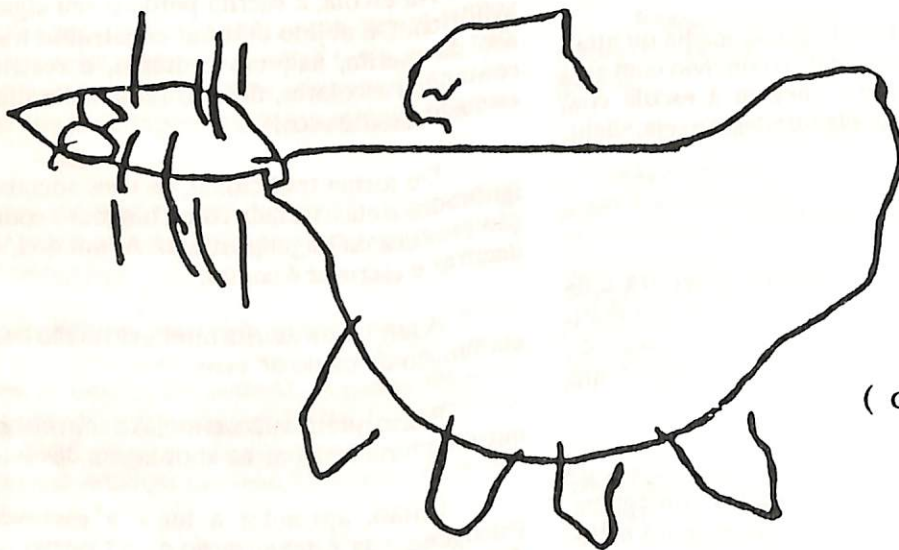
Ilustração Nº 1



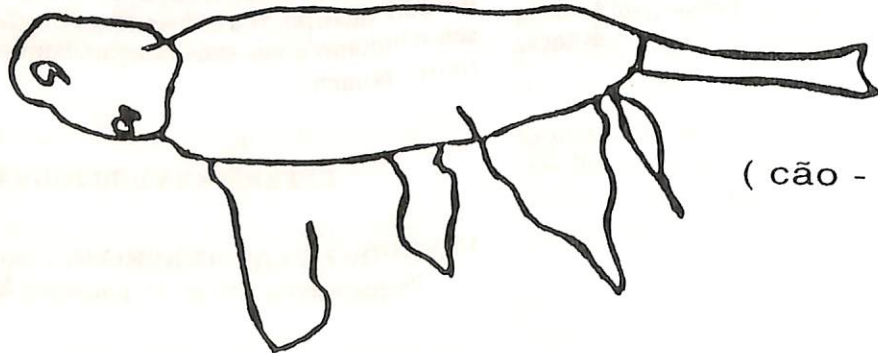
(gato - 3 letras)



(borboleta - 1 letra)



(cavalo - 5 letras)



(cão - 7 letras)

Juliano (9 anos). Exemplo de escrita
pré-silábica

Ilustração n° 2

AN D si Ñ mia

(o gato bebe leite)

RIANO

(cachorro)

MDIA

(gato)

ENS

(borboleta)

Juliana (7 anos). Exemplo de escrita
pré-silábica

Ilustração n° 3

B JACKS

(gato)

ON

(cachorro)

ON

(minhoca)

CS

NOS

(Brasil e Missi são gatos)

Jackson (6 anos). Exemplo de escrita
pré-silábica

Ilustração n° 4

i SAA
AP
ADO
OLA

(bicicleta - 4 letras)

(pá - 1 letra)

(carro - 3 letras)

(boneca - 3 letras)

SOIAO

(Eu brinco de carro)

Paulo César (6 anos). Exemplo de escrita silábica

Ilustração n° 5

CAM

(cadeira - 3 letras)

Si

(mesa - 2 letras)

AMQ

(armário - 3 letras)

PMNA

(borboleta - 4 letras)

U T

E U M i x R
↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓

Eu sento na ca - dei - ra

Letícia. Exemplo de escrita silábica

É RAUM AVES UMA ESTRELA
E AS NUVEIS CE DIVERTIÃO
CONSUA BRINCA DEIRA
DE LICIOSA QUE ÉLAS ADORAVAN
ORRELANPAGO NEINLIGAVA PARESAÇOISA
QUEIAS NUVEIS AIDERREPENTE
APARECEU A FADA QUERREACISA
OSSONHOS MAILINDO
DOMUN EDOPLANETA
MAIS DERREPEINTE VEINHO
UMAVENTANIA FORT E
DEMAI MAIS A FADA FEISACABAR

Uilian. Exemplo de escrita alfabética.



É uma vez uma moirite
 tão linda com barulho
 da maré todo mundo
 saiu para rua
 a mamãe e pai depois
 saiu a Fernanda e começo
 atira flor de posi
 paro o barulho da
 rua quem tava la
 rua foi para dentro
 de casa

Fernanda

Fernanda. Exemplo de escrita alfabética